

Os desafios para a construção de uma história local – o caso de Leopoldina , Zona da Mata de Minas Gerais

Natania Aparecida da Silva Nogueira*
Lucilene Nunes Silva**

Resumo

Ensinar História é um desafio enfrentado no dia a dia do professor. Cabe a ele socializar, em sua prática docente, os conhecimentos adquiridos durante sua experiência profissional, frente aos obstáculos diários enfrentados nas salas de aula, criando a possibilidade de tornar o ensino de História mais próximo e interessante ao educando. Não existem fórmulas preestabelecidas, mas um conjunto de habilidades que podem e devem ser colocadas em prática pelo professor em suas aulas. A este profissional cabe a função de ensinar e, ao mesmo tempo, produzir a História, principalmente aquela que possibilite ao educando interagir mais diretamente com o que é ensinado, como meio de aproximar cada vez mais o aluno da história de sua localidade e da sua vivência. Neste artigo, iremos abordar o uso do ensino baseado na história local como um caminho para o desenvolvimento de atividades ligadas, ao mesmo tempo, a um ensino de história comprometido com a formação social do estudante e com o debate acerca de temas fundamentais de toda uma comunidade, como a preservação do patrimônio histórico, cultural e artístico. Utilizaremos, como estudo de caso, o município de Leopoldina, Zona da Mata de Minas Gerais, que, a partir dos anos de 2008, decretou obrigatoriedade do ensino de história local em suas escolas municipais.

Palavras-chave: educação patrimonial, ensino de História, história local.

Challenges to building Local History - the case of Leopoldina

Abstract

Teaching History is the day-to-day challenge of history teachers. In their teaching practice, it is up to them to socialize the knowledge acquired during their professional experience. Faced with the daily obstacles found in the classroom, they have to create the possibility of making the teaching of History closer and more interesting for the student. There are no

* Professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Leopoldina (MG). E-mail: nogueira.natania@gmail.com.

** Professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Leopoldina (MG) e da Rede Municipal de Ensino de Cataguases (MG). E-mail: lucileneorlando@ig.com.br.

pre-established formulas for doing so, but just a set of skills that can and should be put into practice by the teacher in the classrooms. It is up to this professional to teach and at the same time, produce history, especially one that enables the student to interact more directly with what is taught, which is one way of bringing the student ever closer to the history of their locality and their own experience. In this article, we discuss the use of teaching based on local history as a means for undertaking activities related to both a teaching of History committed to the social formation of the student and to the debate on the fundamental issues of a whole community, such as the preservation of the Historical, Cultural and Artistic Heritage. As a case study, the municipality of Leopoldina, Zona da Mata of Minas Gerais is used. It decreed that from 2008 onwards, the teaching of local history would be obligatory in its municipal schools.

Keywords: heritage education, teaching of History, local history

Introdução

O ensino de História tem tomado novos rumos nos últimos anos com a adoção de novas abordagens, que prestigiam a história cotidiana e o aluno como sujeito ativo. Além disso, a tendência de valorizar o trabalho com competências e habilidades provoca mudanças na forma de se ensinar História – que podem ser difíceis tanto para professores que atuam no magistério há mais tempo quanto para os professores recém-formados. Os cursos de formação de professores supervalorizaram por muito tempo uma formação essencialmente teórica, tendo pouco ou quase nenhum preparo para enfrentar a realidade cotidiana das salas de aulas.

Algumas licenciaturas defendem o professor que se concentra nos livros didáticos e paradidáticos, com conteúdo padronizado. As universidades, de uma forma geral, formam bacharéis – pesquisadores – que possuem um conhecimento limitado acerca da didática do ensino de História, com isso não há uma validação da prática em sala de aula. Procura-se formar historiadores, relegando a um plano secundário as teorias e mesmo algumas práticas que poderiam ser aplicadas no seu trabalho como professor. Acreditamos que é necessário investir em um meio termo: profissionais capacitados tanto para a vida escolar como para exercerem seu papel de historiador.

Luiz Carlos Villalta defende o ideal do professor pesquisador como sendo aquele que é capaz de produzir e ensinar História. Esse professor orienta seus alunos a construir o conhecimento histórico (Villalta, 1993, p. 223). Partindo desse pressuposto, um método que pode dar bons resultados na prática diária é a introdução do estudo da história local.

No texto que segue, abordaremos as vantagens do ensino da história local na Educação Básica, especialmente nos primeiros anos do Ensino Fundamental, paralelamente a um trabalho intenso de educação patrimonial, envolvendo professores, alunos e a comunidade em seu todo. Esse envolvimento é necessário para que a aprendizagem seja constante e não se limite apenas ao espaço escolar, contribuindo para a valorização e preservação do patrimônio histórico do local. O professor de História é um personagem importante desse trabalho ao atuar como um orientador, um consultor e estimular a curiosidade e o interesse pela pesquisa escolar, pela preservação do patrimônio histórico cultural e como mediador entre escola e comunidade.

Nosso estudo de caso é o município de Leopoldina, localizado na Zona da Mata de Minas Gerais. Leopoldina tem despertado, nos últimos anos, a valorização da sua história local e a importância da preservação de seu patrimônio histórico cultural. Inicialmente, as atividades foram implementadas por grupos particulares, alguns ligados a movimentos sociais, e, posteriormente, os órgãos públicos deram suas primeiras contribuições.

A História Local começou a ser ensinada nas escolas da rede municipal como disciplina independente a partir do ano de 2008. Foi organizado por duas professoras da rede municipal da cidade – a pedido da Secretaria de Educação do Município – um pequeno livro, destinado aos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. O livro procura ensinar para os estudantes do município de Leopoldina parte de sua história. É abordada a partir da ocupação de Minas Gerais até o início da imigração, procurando valorizar a cultura popular.

Algumas considerações sobre a História Local

A história local é uma modalidade de pesquisa que vem ganhando seu espaço nas últimas décadas. Cabe a esse tipo de historiografia revelar os protagonistas – aqueles atores que foram esquecidos e cujas ações, em seu tempo, colaboraram com a construção da história. Geraldo Baldoíno Horn entende a história local como “aquela que desenvolve análises de pequenos e médios municípios, ou áreas limitadas e não muito extensas” (Horn, 2006, p. 118).

Apesar do crescimento dos estudos em História Local, ela ainda é apresentada como subalterna, frente à História Geral. Francisco Ribeiro

da Silva, historiador português, comenta essa marginalização no quadro acadêmico lusitano, em que “(...) na perspectiva de alguns universitários a História Local não é suficientemente importante para impor alguém no panorama da historiografia nacional como se o historiador local passasse o tempo a olhar para uma só árvore e se desinteressasse da floresta” (Silva, 1998, p. 384).

No Brasil, a história local e regional, ainda que incorporada ao universo acadêmico, segundo Agnaldo de Sousa Barbosa, continua sendo vista como “(...) uma história ‘menor’, de *status* inferior, que carece de legitimidade diante das ‘grandes questões’ que permeiam as preocupações do ambiente intelectual” (Barbosa, 1998, p. 02). Segundo esse pensamento, seu interesse seria limitado à comunidade à qual se destina e refere-se, desconectada de uma história “maior” e “global”.

Essa situação acaba gerando posicionamentos tais que professores e estudantes empenhados no estudo do local e/ou do regional passam a ser julgados como pesquisadores de segunda categoria, como se o simples fato de um historiador se ocupar de um estudo da “macro-história”, da história “generalizante”, bastasse para lhe garantir o título de bom profissional, lhe outorgando também reconhecimento intelectual. (Barbosa, 1998, p. 02)

Existe, portanto, uma parcela de preconceito e resistência quanto à história local. Uma destas resistências deve-se ao fato de ela ter ficado, durante muito tempo, a cargo de historiadores amadores, curiosos que se dispuseram a levantar dados e a escrever sobre a localidade onde moravam. Médicos, engenheiros, professores de disciplinas variadas ou pessoas sem formação acadêmica eram – e em muitos casos ainda são – os historiadores locais.

Parte desses trabalhos não recebe a devida atenção da academia, que reivindica um maior rigor metodológico no trato da pesquisa em História. No entanto, motivadas pela paixão, pelo memorialismo, essas pesquisas nos revelam dados importantes sobre as relações sociais, políticas e econômicas das comunidades estudadas, tornando-se, indubitavelmente, importantes fontes de consulta.

Não se pode nem supervalorizar o regional nem apresentá-lo apenas como um complemento do nacional. A história local ultrapassa os limites do município e se integra à história geral, não apenas como um dado disperso, mas como parte de um todo mais complexo.

Seu principal mérito está na busca das singularidades, da diversidade. Enquanto a história global usa uma noção de tempo uniforme, a local e a regional buscam apreender o tempo realmente vivido por cada localidade, em que as experiências são diferentes durante um mesmo contexto histórico. Na história local não há tempo único, mas tempos sociais (Barbosa, 1998).

A noção de espaço local ou regional é flexível e varia de acordo com o curso da história. A importância da história local e regional está na história elaborada com base nas realidades particulares dos locais, trabalhando com a diferença, com a multiplicidade, apresentando o que há de concreto na dinâmica social e no cotidiano das pessoas que viveram longe dos grandes centros.

Não por acaso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), referentes ao estudo de História no Ensino Fundamental, recomendam a inserção da História Local nos currículos escolares. É a partir do local que o aluno começa a construir sua identidade e a se tornar membro ativo da sociedade civil, no sentido de que faz prevalecer seu direito de acesso aos bens culturais, representados aqui pelo patrimônio histórico cultural, tanto em sua forma material ou imaterial. Assim, o entendimento da importância desse patrimônio faz-se presente no estudo da História Local, que pode e deve ser estimulado nas escolas, como veremos a seguir.

A educação patrimonial nas escolas

O estudo da História Local, voltado para a preservação e valorização do patrimônio histórico cultural, apresenta-se aqui como uma forma de promover um ensino que ofereça ao educando a possibilidade de se tornar um agente consciente e atuante dentro da sociedade. A educação patrimonial é direcionada a questões que dizem respeito ao patrimônio histórico cultural, que:

(...) compreende desde a inclusão nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de disciplinas ou conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e conservação do Patrimônio Histórico, até a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral, a fim de lhe propiciar informações acerca do Patrimônio Cultural, de forma a habilitá-los a despertar nos educandos e na sociedade o senso de preservação da memória histórica e o conseqüente interesse pelo tema. (Fernandes, 1993, p. 272-273)

O ensino de História, que hoje busca ultrapassar os limites da sala de aula, procura desenvolver junto aos alunos habilidades e competências que possibilitem uma melhor compreensão da historicidade que os cerca. O professor atua como um orientador, ajudando o educando a forjar os instrumentos que irão lhe possibilitar compreender melhor o mundo em que vive.

O aluno deve estar pronto para discernir a respeito de temas ligados a movimentos sociais, políticos e culturais. Por isso, acreditamos que é por meio de uma educação patrimonial contínua, iniciada ainda nos primeiros anos do Ensino Fundamental e estendida para toda a comunidade, que é possível atingir esse objetivo.

O ponto de partida para uma educação patrimonial na escola é o estudo da História Local. É já a partir dos primeiros anos do Ensino Fundamental que o professor cria as condições necessárias para que a disciplina evolua como um instrumento capaz de integrar conhecimento e consciência social e histórica. A escola tem um compromisso importante com a sociedade, por meio da formação do cidadão para exercer seus deveres e direitos de cidadania. De acordo com Ricardo Oriá (1998, p. 130), a escola é:

O locus privilegiado para o exercício e formação da cidadania, que se traduz, também, no conhecimento e na valorização dos elementos que compõem nosso patrimônio cultural. Ao socializar o conhecimento socialmente produzido e ao preparar as atuais e futuras gerações para a produção de novos conhecimentos, a história está cumprindo o seu papel social.

Segundo a educadora e pesquisadora Ângela Salvatori, a educação patrimonial é um processo contínuo de construção do passado, da memória, de uma dada sociedade e de leitura daquilo que permanece, procurando compreender sempre os processos que levam à seleção daquilo que qualificamos como patrimônio. Para a autora, a “escola deve incentivar ações práticas em relação ao patrimônio, com propostas de trabalho no campo da arquivística e da produção de acervos – iconográficos, orais e escritos –, da museologia e da história urbana, entre outras possibilidades” (Salvatori, 2008, p. 36).

O ensino de História, aliado à educação patrimonial, deve partir da vivência do aluno, das suas experiências sociais e culturais. Sua memória é parte importante do processo de aprendizagem, pois é a partir das suas experiências que ele – o aluno – passa a fazer parte de um debate coletivo, compartilhando sua história de vida com outros alunos, transportando

a memória individual para um espaço coletivo. Concordamos com Horn (2006, p. 120), quando este autor afirma que o ensino de História Local deve ser encarado como uma estratégia pedagógica. Os conteúdos devem ser tratados metodologicamente, tendo sempre como ponto de partida a realidade na qual o aluno se insere. Villalta (1993, p. 223-226) reforça essa afirmação, ao chamar a atenção para a distância entre o conteúdo estudado e a realidade, destacando que os alunos desejam estudar a história local e anseiam por novas formas de avaliação.

Os primeiros passos da História Local nas escolas municipais: o caso do município de Leopoldina

Localizado na Zona da Mata Leste de Minas Gerais, o município de Leopoldina possui uma história que remonta ao início do século XIX, quando da ocupação da região pelos primeiros colonos, que abandonaram as decadentes áreas mineradoras e se aventuraram na região, estimulados pela doação de sesmarias.

De arraial à vila, Leopoldina tornou-se um dos maiores centros produtores de café de Minas Gerais, na segunda metade do século XIX. O município foi, durante as primeiras décadas do século XX, um efervescente centro cultural e berço de muitas escolas particulares, que recebiam filhos da elite mineira e de outros estados da federação, daí o apelido de “Atenas da Zona da Mata”.

No entanto, boa parte dessa memória se perde a cada ano, seja pela falta de recursos para pesquisa, seja pela falta de conservação e de acesso às fontes primárias. Sobre os primeiros ocupantes da região, indígenas das tribos dos coroados e puris, poucos dados existem. Estima-se que boa parte dessa história se perdeu, com a destruição de sítios arqueológicos, que nunca chegaram a ser estudados. Assim, o estudo da história local de Leopoldina restringiu-se a poucos aspectos de seu passado, geralmente ligados à política e à economia. Por essa e outras razões, é urgente a necessidade de se manter viva a memória local.

Tanto a educação patrimonial quanto a História Local foram, durante muito tempo, limitadas a poucas iniciativas, muitas delas resultado do esforço de grupos ou indivíduos que se interessavam pela questão da preservação da memória local e divulgação de tradições e cultura regional.

Nesse sentido, destacam-se trabalhos de ONGs e outras organizações não governamentais, que, com pequenos projetos – mas, infelizmente, sem muito conhecimento técnico e poucos recursos financeiros –, tentam colocar em prática ações voltadas para a conscientização sobre a necessidade da preservação do patrimônio histórico, cultural e artístico de Leopoldina.

Esse panorama, no entanto, começou a sofrer algumas mudanças nos últimos anos por meio de ações orquestradas pelos poderes públicos (legislativo, executivo e judiciário), com o objetivo de promover a preservação e a divulgação da memória local. Uma iniciativa foi levar a história do município para as escolas.

Por meio da Lei 3.657/2005, que dispõe sobre a inserção da disciplina “História do Município” na grade curricular das escolas públicas municipais, passou a ser obrigatório o ensino da história de Leopoldina no Ensino fundamental das escolas municipais. Em atendimento à norma legislativa, a então Secretária Municipal de Educação, Maria Aparecida Marques O. Lopes, solicitou a elaboração de um pequeno livro, para fins didáticos, sobre a história de Leopoldina, que foi publicado em meados do ano de 2008 e distribuído ainda no segundo semestre letivo para os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental.

A elaboração do livro foi realizada em situação emergencial, pois a Secretaria Municipal de Educação precisava cumprir as determinações da lei, introduzir a disciplina e oferecer aos professores material com o qual pudessem trabalhar na sala de aula. Desejava-se a confecção de um material para fins didáticos destinado a alunos do Fundamental I para o 4º ano do Ensino Fundamental, contendo parte da história do município.

O prazo era curto: menos de um mês. Foram aproveitadas pesquisas sobre a história local anteriormente realizadas pelas autoras – algumas já publicadas parcialmente em anais de congressos de História. Assim, viabilizou-se a produção de um pequeno livro, que atendia às exigências da Secretaria Municipal de Educação e que oferecia qualidade e diversidade de informações, até então desconhecidas para alunos e professores das escolas municipais.

O livro *Uma viagem no tempo – Leopoldina: povoamento, café e atualidade* (Silva; Nogueira, 2008) teve uma tiragem inicial de mil exemplares para atender apenas às escolas municipais. Seu conteúdo é introdutório e compreende apenas uma parte da história local; passa pela ocupação da re-

gião por povos indígenas e vai até a década de 1930, encerrando com um panorama geral do município nos dias atuais.

Esse livro foi elaborado pelas autoras do presente artigo, com a intenção de que os alunos da rede municipal nas séries iniciais passassem a ter um conhecimento acerca da cidade de Leopoldina. O livro aborda a história da cidade de forma que os alunos percebam que esta está inserida em um contexto maior, o da História do Brasil. Aborda os temas por meio de pequenos textos que incorporam a história brasileira juntamente com a local.

Além do conteúdo informativo, foram incluídas sugestões de atividades, que podem ser utilizadas ou não, de acordo com os critérios do professor. O livro aborda a história de Leopoldina por meio de três personagens: a princesa Leopoldina, o João Feijão – uma referência a uma lenda local – e Feijó, um jovem menino leopoldinense. O objetivo era de tornar estas personagens mascotes da cidade, estimulando nas crianças o desenvolvimento de uma identidade com o local, sentindo-se parte de sua história. Utilizou-se, em alguns momentos, o recurso da história em quadrinhos e das tirinhas para a introdução de alguns conteúdos e atividades.

A procura por exemplares – que foram distribuídos gratuitamente nas escolas – foi muito grande. Alunos de outros anos do Ensino Fundamental, que tiveram contato com o livro, nas bibliotecas escolares, também fizeram críticas positivas sobre a obra. Os pais de alunos mostraram-se muito interessados, tendo havido relatos de pais que leram todo o livro, sem o compromisso de ter que fazer isso para ajudar o filho nas atividades. Assim, podemos presumir que o aprendizado dos alunos concorre com o próprio aprendizado de pais e responsáveis, que, mesmo fora da escola, estão adquirindo conhecimentos a partir desse material. Citando os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Os jovens, as crianças e suas famílias agregam, às suas vivências, informações, explicações e valores oferecidos nas salas de aula. É, muitas vezes, a escola que cria estímulos ou significados para lembrar ou silenciar sobre este ou aquele evento, esta ou aquela imagem, este ou aquele processo. (BRASIL, 1998, p. 38)

Infelizmente, o ensino acaba esbarrando em obstáculos. Um deles é o de promover uma avaliação junto aos professores e alunos das escolas. O livro começou a ser utilizado no segundo semestre de 2008, sem que fosse possível oferecer aos docentes orientações específicas para seu uso.

Tomamos como nossa a iniciativa de avaliar o livro e seu conteúdo junto a professores das escolas municipais de Leopoldina. Os professores responderam um questionário no qual avaliaram o conteúdo do livro e fizeram sugestões. Ao todo, participaram da pesquisa nove professores, de quatro escolas, duas centrais e duas de periferia. Não foi possível contatar, ainda, os professores de distritos e da zona rural, o que pretendemos fazer futuramente.

Após a publicação, o livro foi distribuído para as escolas municipais e para os professores que foram instruídos a utilizarem-no em suas aulas, uma vez que já havia sido aprovada pelos vereadores da cidade uma lei que obrigava tais escolas a ministrarem nas séries iniciais o conteúdo sobre a memória do município.

A história do município é abordada a partir de histórias em quadri-nhos, de personagens criados para representarem a cidade e de atividades didáticas. Foram incorporadas atividades que procuraram demonstrar para o aluno que a sua realidade está ali inserida.

Procurou-se valorizar e passar para o educando a compreensão da cultura popular da localidade, bem como a necessidade de preservação dos prédios e bens imateriais, na medida em que esses pontos são abordados como temas que fazem parte do cotidiano dos alunos, como os carnavais, as folias de reis, a capoeira.

A avaliação do livro ocorreu após um período no qual ele fez parte da grade curricular do município e os professores do Ensino Fundamental procuraram realizar um trabalho utilizando-o. A abordagem do material foi feita junto aos alunos na sala de aula, sendo que o professor procurou enfatizar que aquela História estava próxima deles, de modo que, assim, pudessem perceber que a sua história estava incorporada naquele material que estava sendo manuseando.

Dentre as questões levantadas, estavam a frequência em que o livro era usado em sala de aula, seu conteúdo e as dificuldades encontradas por professores e alunos para seu uso. De acordo com o plano curricular, são previstas duas aulas de História Geral e uma de História Local. No entanto, muitos professores reconhecem a dificuldade de seguir esse plano. Dos dez professores, quatro admitem só trabalhar com o livro uma vez por mês. A explicação para isso é a grande quantidade de conteúdos que devem ser ministrados no 4º ano do Ensino Fundamental. O professor necessita optar pelo conteúdo que vai priorizar.

Seria interessante e possivelmente mais produtivo, num médio prazo, que o conteúdo fosse ampliado, mas subdividido entre o 1º e o 6º ano do Ensino Fundamental, de forma que o aluno consiga perceber-se como parte da história, interagindo desde os primeiros anos escolares com a histórica de seu município. Com essa mudança, seria preciso modificar o formato dos textos e das atividades, adequando-os para cada faixa etária.

Com relação às atividades sugeridas para o professor, cinco deles apontaram a necessidade de diversificação de exercícios, com a introdução de questões objetivas, cruzadinhas e caça-palavras, como forma de prender a atenção do aluno. Seria ideal se as atividades pudessem ser impressas em um encarte, separadas do livro, de modo que o aluno pudesse ser o dono e o responsável pelas suas atividades, ou seja, o antigo livro consumível. Isso tornaria o material mais pessoal e próximo do educando.

Todos os professores consultados aprovam a introdução do conteúdo. Dentre os atrativos, os professores destacam as histórias em quadrinhos e ilustrações. A professora Mara Sueli da Silva, da Escola Municipal Osmar Lacerda França, sugere que sejam introduzidas mais histórias em quadrinhos no livro, como forma de facilitar o entendimento dos alunos. Patrícia Almeida Vilela, professora da Escola Municipal Ribeiro Junqueira, com relação ao conteúdo, afirma que: “É muito satisfatório conhecer a história do lugar onde moramos. As crianças se interessam mais pelo estudo da história, pois conhece de perto o lugar estudado. É uma aventura imaginar como era o nosso município”.

Cabe à Secretaria de Educação fornecer ao professor um apoio por meio de cursos que habilitem o docente a trabalhar a História, tanto local quanto a do Brasil. Outra solução seria a divisão dos conteúdos ministrados no 4º ano entre professores, em que um seria responsável pelo ensino de História e Geografia, outro de Matemática e Ciências e assim por diante. Essa divisão possibilitaria um maior tempo para o docente elaborar suas aulas, bem como para o aluno já ir se familiarizando com as mudanças que irá encontrar a partir do 6º ano.

Conclusão

O historiador assume dois compromissos importantes ao se aprofundar na pesquisa. O primeiro compromisso é com a ciência, em que, por meio de um rigor metodológico – por meio do estudo minucioso de fontes

de pesquisa – procura produzir um conhecimento histórico que possa ajudar a compreender nossa trajetória enquanto nação e a construir parte da nossa identidade social. Seu segundo compromisso é com a sociedade: ao transpor esse conhecimento para as escolas, por meio dos livros, documentários ou outros veículos de informação, permite-se a cada cidadão que ele possa construir a sua própria identidade.

Assim, é necessário ampliar a pesquisa histórica sobre o município de Leopoldina, para aumentar o conhecimento a ser ministrado aos discentes. Ao mesmo tempo, é necessário que os órgãos públicos apoiem pesquisadores da história local, não apenas na criação de locais de patrimônio, mas, também, que contribuam para que esse patrimônio seja pesquisado e divulgado para a população, ampliando os saberes sobre o próprio município.

Nesse sentido, um avanço foi a criação do Arquivo Público Municipal, cuja implantação teve início no ano de 2010. A lei que criou o órgão foi uma conquista recente, aprovada e sancionada no dia 13 de julho de 2009. A partir de sua implantação, o arquivo irá reunir e gerir toda a documentação produzida pelos órgãos públicos e será espaço de restauro e preservação da documentação de valor histórico (permanente) do município.

Será possível, dessa forma, ter acesso a documentos que registram boa parte da história do município e da região. Além disto, a existência de um espaço público, de preservação e circulação de informações, abre um leque de possibilidades de trabalho e de pesquisa que pode e deve ter como locus central o ensino de história nas escolas.

O professor historiador, ao inserir o estudo da História Local na sala de aula, assume um terceiro compromisso: o de orientar o estudante a encontrar os caminhos da sua própria História. O professor e a escola não formam o cidadão, eles apenas orientam-no para que ele possa encontrar o caminho para sua cidadania.

Pautar o ensino na perspectiva de construção, preservação e valorização do meio é promover a transformação da cultura contemporânea. Diante disso, sugere-se aos professores o desenvolvimento de uma prática de ensino voltada para a preservação dos bens culturais do patrimônio da cidade como ferramenta essencial na construção de uma nova cidadania e identidade do homem. (Moraes; Ramalho; Silva, 2006, p. 5)

O aluno, quando entra na escola, já é um cidadão, mas um cidadão que precisa, aos poucos, ir construindo as bases da sua cidadania, conhecendo-se e conhecendo a sociedade em que vive. Uma educação patrimonial, realizada por meio do ensino da história local, é uma forma de a escola cumprir seu papel social, atuando na formação desse cidadão. Por outro lado, também confere ao professor historiador a oportunidade de cumprir com seu compromisso, enquanto pesquisador, agente social e educador.

Referências

BARBOSA, A. de S. *A propósito de um Estatuto para a História Local e Regional: algumas reflexões*, XII Semana de História da UNESP/França, 1998. Disponível em: <http://www.franca.unesp.br/PROPOSITO_REGIONAL.pdf>. Acesso em: 26 maio 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 109 p.

FERNANDES, J. R. Educação Patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de história. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 265-276. 1993.

HORN, G. B. *O ensino de história e seu currículo: teoria e método*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

MORAIS, D. M. S. de; RAMALHO, E. dos M; SILVA, M. do S. B. da. *História local como eixo temático nas séries iniciais*. IV Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI. A pesquisa como mediação de práticas sócio-educativas, GT8, História Local, 2006. Disponível em: <http://www.ufpi.br/mesteduc/eventos/ivencontro/GT8/historia_local.pdf>. Acesso em: 21 out. 2008.

ORÍÁ, R. Memória e Ensino de História. In: BITTERCOURT, C. (Org). *O saber histórico a sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 128-148.

SALVATORI, A. B. *História, ensino e patrimônio*. Araraquara, São Paulo: Junquera & Marin, 2008.

SILVA, F. R. da. *História Local: Objectivos, Métodos e Fontes*. Universidade do Porto, 1998. Disponível em: <<http://repositorio.up.pt/aberto/bitstream/10216/8247/2/3226.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2009.

SILVA, L. N.; NOGUEIRA, N. A. S. *Uma viagem no tempo - Leopoldina: povoamento, café e atualidades*. Leopoldina (MG): Secretaria Municipal de Educação de Leopoldina, 2008.

VILLALTA, L. C. Dilemas da relação teoria e prática na formação do professor de História: alternativas em perspectiva. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n. 25/26. 1993. p. 223-232.

.....
Recebido em: 20 jan. 2010

Aceito em: 22 jun. 2010